



**Gabinete do
Arcebispo Primaz**

DISCURSO

Ref. DSC_16/2015

Discurso nas Jornadas Nacionais
da Pastoral do Turismo

Braga, Bom Jesus do Monte, 30.Out.2015, 10h30

Dimensão evangelizadora e catequética dos espaços sagrados

O Turismo é uma actividade multifacetada e pode ser encarada em diversas perspectivas. O encontro que ele provoca com o Património pode acontecer como simples acto cultural. Mas, para a Igreja, nunca pode deixar de ser oportunidade para a Evangelização. Não se trata de aproveitar para impor uma doutrina em atitude proselitista mas de dar, sem pretensão de nada receber, o que motivou a elaboração das diversas obras que constituem o património Religioso.

1. Evangelização e catequese

Para uma compreensão do tema que me foi confiado “Dimensão evangelizadora e catequética dos espaços sagrados”, é importante compreender bem a diferença e complementaridade destas duas vertentes da vida da Igreja (evangelização e catequese).

Importa ter presente desde o princípio que “evangelizar” é a acção da Igreja: “a Igreja existe para evangelizar” (EN 14). Esta acção, que é a sua identidade, realiza-se como resposta ao mandato do Senhor: “Ide pelo mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16, 15).

A Igreja realiza esta missão essencialmente através de três mediações: pregação, vida e culto. A *Dei Verbum* diz expressamente: “o que foi transmitido pelos Apóstolos, abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita.” (DV 8).

Dada a riqueza e a pluralidade de possibilidades de aceder à experiência de fé em Jesus Cristo, torna-se evidente que nem todas as pessoas estão na mesmo patamar: umas estão mais afastadas – ou totalmente afastadas – e outras mais próximas, sendo cristãos militantes. Por isso, o decreto *Ad Gentes* refere um itinerário (cf. AG 15-17): 1. Anúncio a todos da beleza e do amor de Deus; 2. Etapa catequética para aqueles que decidiram aderir a Jesus Cristo; 3. Etapa pastoral para aqueles que, adultos na fé, vivem inseridos numa comunidade e aí recebem o contínuo alimento da fé cristã.

Então, se a evangelização é toda a acção da Igreja, a “catequese” é o tempo em que os discípulos se unem com Cristo seu mestre” (AG 14) nunca só por uma aprendizagem ou mera exposição de dogmas e preceitos. A catequese é o tempo em que se estrutura a conversão. Começa quando cada pessoa quer conhecer o Senhor e termina quando celebrou existencialmente os sacramentos da Iniciação



Cristã mas a evangelização continuará por toda uma vida que se fortifica por diversos meios de anúncio e acolhimento da Palavra.

2. Espaços sagrados ao serviço da evangelização e catequese

Os espaços sagrados simbolizam um conjunto de elementos com um significado muito preciso. Desde os edifícios, na dimensão arquitetónica, até ao seu conteúdo (imagens, objectos litúrgicos, pinturas, paramentos e outras alfaias litúrgicas), não foram elaborados de modo aleatório para satisfazer quem os realizou ou encomendou. Há sempre um significado a descobrir.

A história da arte recorda-nos que ela encerra três elementos, já evocados por diversos autores, e que podemos encontrar no seu conjunto em algumas referências, ou que são sublinhadas individualmente segundo o intuito do artista.

Em primeiro lugar, a arte sacra, como toda a arte, oferece-nos um valor histórico narrativo. Espelha o cuidado em apresentar factos, acontecimentos, momentos históricos e episódios, assim como um relacionar-se com determinadas personalidades, muitas vezes bíblicas, eclesíásticas ou pessoas influentes no tempo ou no trabalho. Narram-se acontecimentos concretos, retirados da História, protagonizados por pessoas concretas. Pretende-se evocar para perpetuar momentos que importa não esquecer.

Mas o património pode tornar-se momento **catequético** com um valor exortativo, parenético. Já não é uma mera elaboração narrativa de acontecimentos mas uma interpelação à imitação de santos, tratando-se de património religioso, dotados de determinadas virtudes que marcaram a vida dos intervenientes mas que importa prolongar na vida de outros. Daí que muitas vezes o património pretenda chamar à conversão para atitudes e comportamentos que exigem mudança de vida. A arte pode ser uma exortação que põe em questão e que aconselha itinerários de vida com uma linguagem válida e acessível para todos.

Recordemos, a título de exemplo, que muitas pinturas eram verdadeiros livros onde os ignorantes poderiam ler uma mensagem. Por isso foram apelidadas de *Biblia Pauperum*. Para os ignorantes, as imagens ou estátuas não pretendiam, no passado, a fidelidade aos traços fisionómicos mas sublinhavam com sinais o que tinha distinguido a pessoa que se representava. É muito fácil reconhecer um mártir e o tipo de martírio, ou a virgindade, assim como o amor dos pobres. A Igreja católica sempre sublinhou esta vertente, em contraste com os protestantes, não para deificar pessoas mas para humanizar a santidade, para propor um caminho acessível a todos.

Sempre nesta finalidade de dizer alguma coisa através do património, teremos de reconhecer, também, o **valor simbólico** que o revestia em diversas ocasiões. Já não era um simples narrar nem apresentar estradas a imitar, mas um servir-se de elementos que alargassem a reflexão. Cristo serviu-se de muitos símbolos na sua linguagem e, hoje, o Papa mostra-se uma enciclopédia nesta arte de inventar expressões geradoras de muitos significados conforme as circunstâncias ou capacidades de quem ouve. Também o património, para lá de uma leitura linear daquilo que se vê imediatamente, mostra o que se poderá vislumbrar através de muitos significados possíveis. “Mostra-se o que se



mostra, mas aponta-se para o que se intui, para o sentido outro, para o que se diz não dizendo, para o que é embora não apareça explicitamente.” (Cón. José Paulo)

3. Turismo, oportunidade a não desperdiçar

O património, particularmente o dos espaços sagrados, tendo na sua origem esta linguagem, deve ser interpretado ou reinterpretado como dom precioso para a catequese e evangelização. Entremos dentro do desafio do Papa Francisco: “Fiel ao modelo do mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnância e sem medo.” (E.G. 23). Cada uma destas palavras mereceria um pequeno comentário no contexto destas II Jornadas da Pastoral do Turismo. Se elas se integram no processo renovador e responsabilizante de comunicar a alegria do Evangelho ao homem de hoje, são também norteadoras para o trabalho que a Igreja deve realizar e intensificar no campo do turismo. Aliás, há uma outra citação que me parece de interesse fundamental. Sabemos que o Papa Paulo VI marcou a história recente da Igreja com a Encíclica *Evangelii Nuntiandi*. Num determinado momento afirma: “Conhecemos também as opiniões de numerosos psicólogos e sociólogos, que afirmam ter o homem moderno ultrapassado já a civilização da palavra, que se tornou praticamente ineficaz e inútil, e está a viver, hoje em dia, na civilização da imagem. Estes fatos deveriam levar-nos, como é óbvio, a pôr em prática na transmissão da mensagem evangélica os meios modernos criados por esta civilização”. (E.N. 42)

A civilização da palavra está ultrapassada. Mergulhamos na civilização da imagem. Isto é uma alusão ao serviço das novas tecnologias mas não podemos esquecer que o turismo, identificando-se com a história da humanidade, é uma realidade nova pela dimensão dos números e pelas oportunidades que lança o turismo no encontro e diálogo com culturas e pessoas. O turismo é este púlpito moderno, como uma nova cultura, para colocar a semente evangélica ao alcance de muitos. Não importa se aderem ao cristianismo, embora seja augurável que isto aconteça ou que promova um rejuvenescimento da fé, mas os valores humanísticos podem entrar nesta cultura global, nesta nova civilização, onde o fundamental reside na centralidade da pessoa humana com a sua dignidade irrenunciável a urgir um respeito por todos.

Também aqui o Papa Francisco nos ajuda: “É bom que toda a catequese preste uma especial atenção à «via da beleza (*via pulchritudinis*)». Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de preencher a vida de um novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspectiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma vereda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus. Não se trata de fomentar um relativismo estético, que pode obscurecer o vínculo indivisível entre verdade, bondade e beleza, mas de recuperar a estima da beleza para poder chegar ao coração do homem e fazer resplandecer nele a verdade e a bondade do Ressuscitado.

Se nós, como diz Santo Agostinho, não amamos senão o que é belo, o Filho feito homem, revelação da beleza infinita, é sumamente amável e atrai-nos para si com laços de amor. Por isso, torna-se necessário que a formação na *via pulchritudinis* esteja inserida na transmissão da fé. É desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a



riqueza do passado, mas também na vastidão das suas múltiplas expressões actuais, a fim de transmitir a fé numa nova «linguagem parabólica». É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas se tornaram particularmente atraentes para os outros.”.

Condições imprescindíveis para que evangelização aconteça

Isto supõe um trabalho que não pode ser superficialmente encarado. Por um lado, os acompanhantes (guias) nunca poderão encarar o seu serviço como funcionalismo e repetir ideias genéricas ou descontextualizadas. A Igreja, a nível nacional e diocesano, necessita de apostar na formação de guias para que, marcados pela experiência cristã, se sintam habilitados para afirmar a verdadeira identidade do património. Não é fácil. Trata-se de uma verdadeira vocação a promover e a estimular. O ideal seria que cada espaço tivesse os seus guias. São grandes as responsabilidades mas não inultrapassáveis. Ganhava o turismo e não se desconsiderava a crença dos turistas. Há um investimento a que não poderemos alhear-nos e pensar que outros o realizam, ainda que sejam universidades de nome ou cariz católico. Importa entrar na espiritualidade para que a competência técnica não se torne aula de catequese mas aconteça como transparência inequívoca de uma evangelização em tempo da cultura da imagem. Quanto caminho a percorrer!...

Por outro lado, a **comunidade** - que pode ser apenas uma pessoa (em ligação com quanto disse dos guias) - que acolhe as pessoas em experiência de mobilidade, não pode eximir-se à responsabilidade de criar condições para que o mistério do templo fale e para que a natureza se exprima como beleza de um Deus Criador. Não basta abrir as portas e criar condições exteriores que mostrem os espaços. A comunidade tem uma dupla missão. Acolher de um modo vivo e afectivo mas ela mesma deve conhecer o que é seu. Não ofende ninguém afirmar que desconhecemos as riquezas das nossas casas. Habitamo-nos à superficialidade e damos por descontentos. Urge que a comunidade conheça em profundidade o que é seu e que outras comunidades das dioceses ou do país queiram conhecer o que é nosso.

É maravilhoso, já o referi, viajar e conhecer espaços no estrangeiro. Não será de levar as nossas comunidades a conhecer por dentro o património religioso que temos ao nosso alcance? Os movimentos, a catequese, os jovens, as famílias a encontrarem-se em pequenos grupos não poderiam ter aqui uma experiência enriquecedora?

Se na Idade Média bastava a *Biblia Pauperum*, hoje, sabemos-lo muito bem - só o acolhimento fraterno é expressão do Divino que nunca deixará de ser Amor e o Amor entende-se em qualquer língua, mesmo com sinais e com a eloquência do silêncio. Há coisas pequenas que se tornam anúncio.

É nesta binómio de um turismo competente - no acolher nos espaços sagrados e de uma religião que se sente mesmo sem culto, que o turismo religioso perde as ambiguidades e os espaços religiosos se tornam verdadeiramente evangelizadores e catequéticos. Como lembrava o Papa Francisco, podemos organizar muita coisa e não criar as condições para um verdadeiro turismo religioso. Se for uma



missão que leigos (guias, operadores, pessoal dos hotéis, etc.) assumem e procuram tornar vocação como paixão, é possível esperar tudo. Caso contrário, só entraremos nas agendas dos políticos e nas expectativas do advento de um messias que vem salvar a economia.

O Papa Francisco fala do uso das artes no sentido amplo. Para a transmissão da fé nesta linguagem, que sendo “parabólica” pode chegar ao narrativo e exortativo. Estas palavras do Papa referem-se à catequese no sentido geral da palavra. Mas aqui também pode surgir um desafio para a nossa Pastoral do Turismo.

O Papa fala de um caminho a percorrer na actualidade. Apostar, talvez, como algo de novo, na *via pulchritudinis*. Mas, se nos recorda que importa criar, nunca se pode esquecer o que o passado nos legou e que continua a falar-nos de Deus, desde que nos disponhamos a ouvi-Lo e criemos todas as condições para que o mesmo aconteça com outras pessoas. O turismo, sobretudo religioso, não pode perder esta responsabilidade de converter uma visita em experiência religiosa numa proposta, livre mas apresentado como algo identitário da nossa cultura, de uma fé de que nos orgulhamos a voltar.

Esta atitude de proposta, que respeita as convicções alheias, pode e deve anunciar a novidade trazida por Cristo. Não podemos ter medo nem receio de apresentar uma identidade cultural ainda que os outros não a queiram aceitar.

A história manifesta-nos uma evolução que poderemos sintetizar num quadro que aborda as diversas hipóteses a partir da peregrinação para chegar a um conjunto de iniciativas marcadas pelo emotivo, passageiro e curiosidade de um conhecimento meramente exterior dos espaços sagrados. Corremos o risco de, sintetizando, reduzir o verdadeiro alcance do turismo religioso. Como pretendo, apenas e só, deixar alguns elementos para reflexão futura, partilho a síntese tripartida elaborada por Nicolá Costa, já em 2002, em *Appunti sul turismo religioso*.

A	B	C
Deus	Deus-Homem	Homem
Homem	Homem	Homem
Sagrado-Santo	Sagrado-Profano	Profano-Secular
Peregrinação	Turismo Religioso	Turismo

No esquema A, encontramos Deus no vértice e o Homem numa experiência verdadeiramente religiosa (*religare*) de um encontro desejado com Deus, através de uma experiência com o sagrado, expresso nos Santos ou mistérios celebrados e tudo através de uma atitude de peregrinação onde o homem se coloca em ambiente de procura perante Deus ou o divino.

No esquema B, Deus continua no vértice mas a Ele associa-se o Homem, não por desejo de autonomia, mas desejo de intimidade. Deus e o Homem encontram-se nas maravilhas da natureza e na delícia das obras artísticas criadas pelo mesmo. O sagrado e o profano dos elementos exteriores,



quase que se confundem na compreensão autêntica de um e de outro e conseguem expressar-se em simultâneo e de um modo harmonioso. Há uma leitura e visão que se torna voz de alguém que pode comunicar uma mensagem que deveria ser acolhida. Esta é a experiência do Turismo Religioso autêntico. Não é neutro nem proselitista. Fala. Explica-se, no presente e passado, e pode provocar um entendimento intelectual, cultural e, sobretudo, religioso.

No esquema C, onde é muito fácil cair mesmo trabalhando o turismo religioso, parece o cenário mais corrente porque, como Igreja, ainda não fomos capazes de definir a sua matriz. O Homem ocupa a primazia sem querer dizer que Deus desapareceu da história. Ele continua, em si e nas suas obras, mas é como se não existisse. É colocado entre parênteses como algo que já não faz parte das escolhas fundamentais e marcantes do agir e do operar. O Homem torna-se o protagonista. Foi ele que construiu e delineou os monumentos e vai manobrando a natureza reduzindo-a ao que melhor lhe convém. Tudo acontece simplesmente no âmbito do secular ou do profano mesmo no encontro com realidades que poderiam conduzir a outros pensamentos. E assim o turismo acontece numa autonomia muito peculiar e sem relação com outras dimensões da vida e tudo se resume às conquistas sócio-culturais, económicas ou mesmo religiosas mas feitas noutros tempos e épocas.

Confronto estes três modelos - possibilidades, onde é muito fácil reconhecer ambiguidades, de que falava, e onde o turismo religioso está imerso. Só que importa fazer com que seja uma oportunidade para Igreja e, particularmente, para o Homem. Diz D. Cario Mazza que, para isso, deve ser enquadrado num esquema bipolar que procura a unidade. Deve ser turismo de vanguarda e competência de apresentar o religioso na abrangência completa e nunca meramente arquitetónica característica de uma época. Nesta confluência de modelos podemos encontrar o ponto de equilíbrio desejado.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*